

“Renegociação da dívida deve ser simplificada”

por Reginaldo Heller
do Rio

O governo deveria negociar com os credores condições mais simplificadas para a renovação anual da dívida externa, mediante a capitalização automática dos juros vencidos em novos empréstimos ou até em investimentos, tal como já ocorre com o principal amortizável (projeto 2). Essa é a opinião do ex-ministro Mário Henrique Simonsen, que a expressou em encontro que manteve com o subsecretário do Tesouro dos Estados Unidos, Beryl Sprinkel, pois, “no fundo, a sucessão de novos empréstimos-jumbos é a mesma coisa, apenas exigindo um esforço internacional e um desgaste do governo maiores”.

Simonsen viajou, na última sexta-feira, para Genebra, onde participará do encontro da comissão de “sete sábios”, criada pelo diretor geral do GATT, Arthur Dunkel, para discutir alternativas ao protecionismo no comércio internacional.

A sugestão de Simonsen,

visando à fase 3 das negociações da dívida externa, explica a posição defendida por Sprinkel, favorável às negociações anuais para o giro da dívida. “Nesse caso,” indagou Simonsen, “por que não descomplicar esse processo?” Tendo sido respondido pelo próprio subsecretário norte-americano que é devido às práticas dos contadores bancários nos Estados Unidos.

Uma fonte de banco integrante do comitê de assessoramento da dívida externa — o “advisory committee” — confirmou a este jornal o adiamento da assinatura do contrato conjunto relativo aos quatro projetos, devido ao projeto 4 — empréstimos interbancários — muito embora seja possível concluir a fase 2 das negociações sem a integralização total daqueles dois projetos. O que está dificultando mais o acordo definitivo são alguns termos do contrato de empréstimos comerciais, entre cujas cláusulas estão algumas consideradas inviáveis ou inaceitáveis pelos credores.